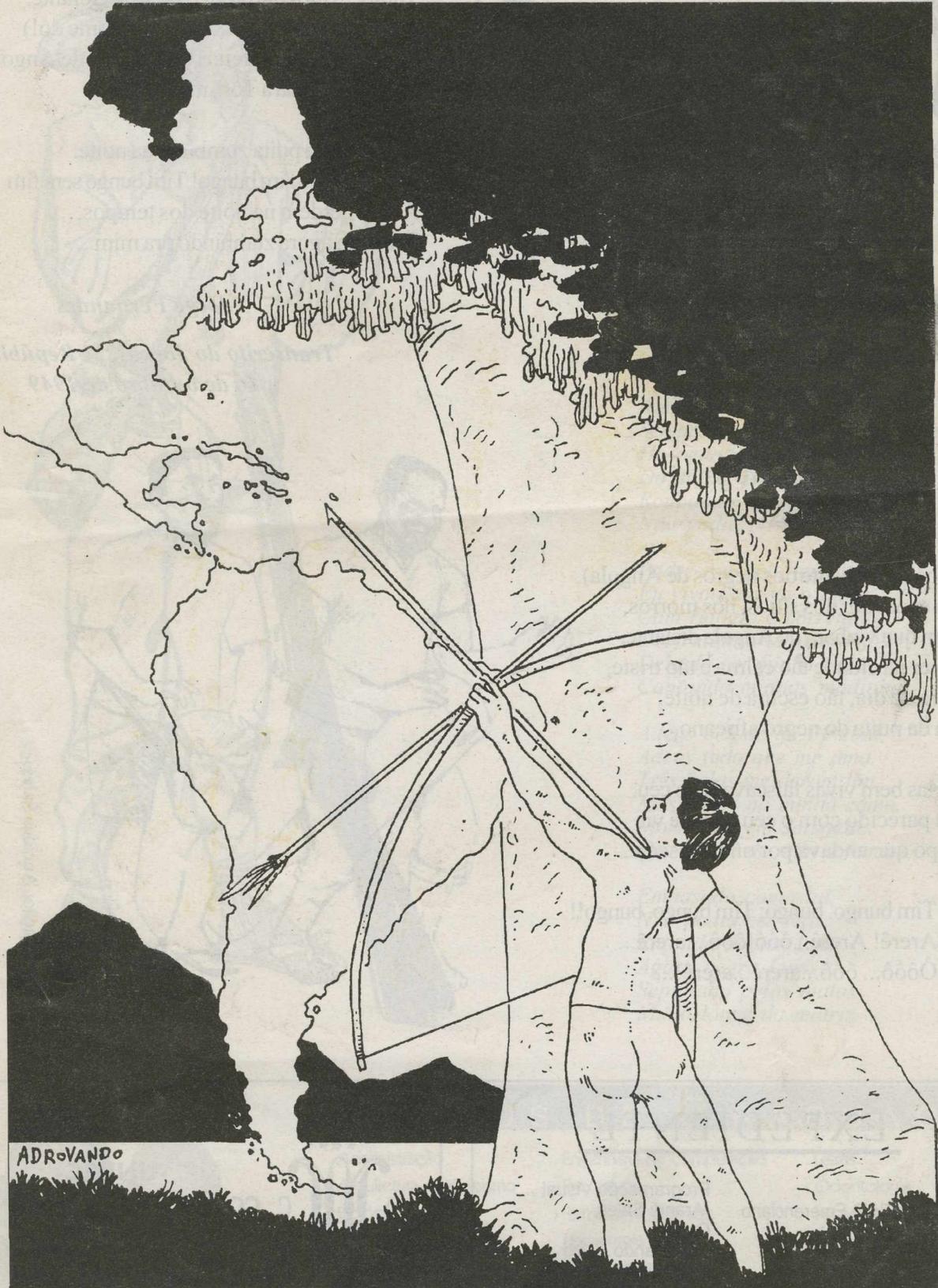


O Potiguar

Ano II Nº 11

Março/Abril 99

R\$ 1,00



A Condenação de Colombo



Oh vozes gementes, soturnas, tristonhas!
 E eu tinha medo do negro "Gabão"...
 Também africano com os pés de elefante,
 Inchados com "bôbas"...(Faziam-me dó!)
 -Doenças tão feitas dos negros de Angola!!
 Assim me dizia a Toti, minha avó!

E os sons da puíta zumbiam na noite:
 Tim bungo!! Tim bungo! Tim bungo sem fim
 Até se perdem na noite dos tempos,
 E andam agora zumbindo pra mim...

Zambê do negro Paulo

Jorge Fernandes

Menino, escutava no silêncio da noite
 Na noite do Sábado o som da puíta:

*Transcrito do Jornal "A República",
 16 de outubro de 1949*

Tim bungo, bungo !!
 Tim bungo, bungo !!
 Tim bungo, bungo !!

(O zambê retumbante dos negros de Angola).
 Os sons ecoavam nos sítios, nos morros,
 Pareciam que vinham de Angola distante,
 Pra gemer na cidade tão calma e tão triste,
 Tão clara de dia, tão escura de noite,
 Ao som da puíta do negro africano.

As estrelas bem vivas faiscavam no céu.
 Um céu parecido com o céu que ele via
 No tempo que andava por onde nasceu...

Tim bungo, bungo; Tim bungo, bungo!!
 Arerê! Arerê...ôôô!ôôô... arerê...
 Ôôôô... ôôô...arerê...arerê!...



Ilustração: Aucides Sales.

EXPEDIENTE

Diretor	Programação Visual
-João Gothardo D.Emerenciano	-Arandi Sales
Editor	Capa
-Moura Neto	-Adrovando Claro
Revisão	Gerente Comercial
-João Gothardo D.Emerenciano	-Carlos Frederico Câmara
-Giuliano Emerenciano Ginani	Impressão
	-Gráfica Nordeste



Avenida Prudente de Moraes, 625-Tirol-Natal/RN-CEP:59 020-400



-UNBEC-
COLÉGIO MARISTA DE NATAL
100 Anos de tradição

Rua Apodi, 330 - Cidade Alta - Natal/RN - 59020 -
 130- fone: (084) 211-55005- Fax:(084)212-1216-
[@natal-marista.com.br](http://www.natal-marista.com.br-natep)

Rio Preto, o vingador

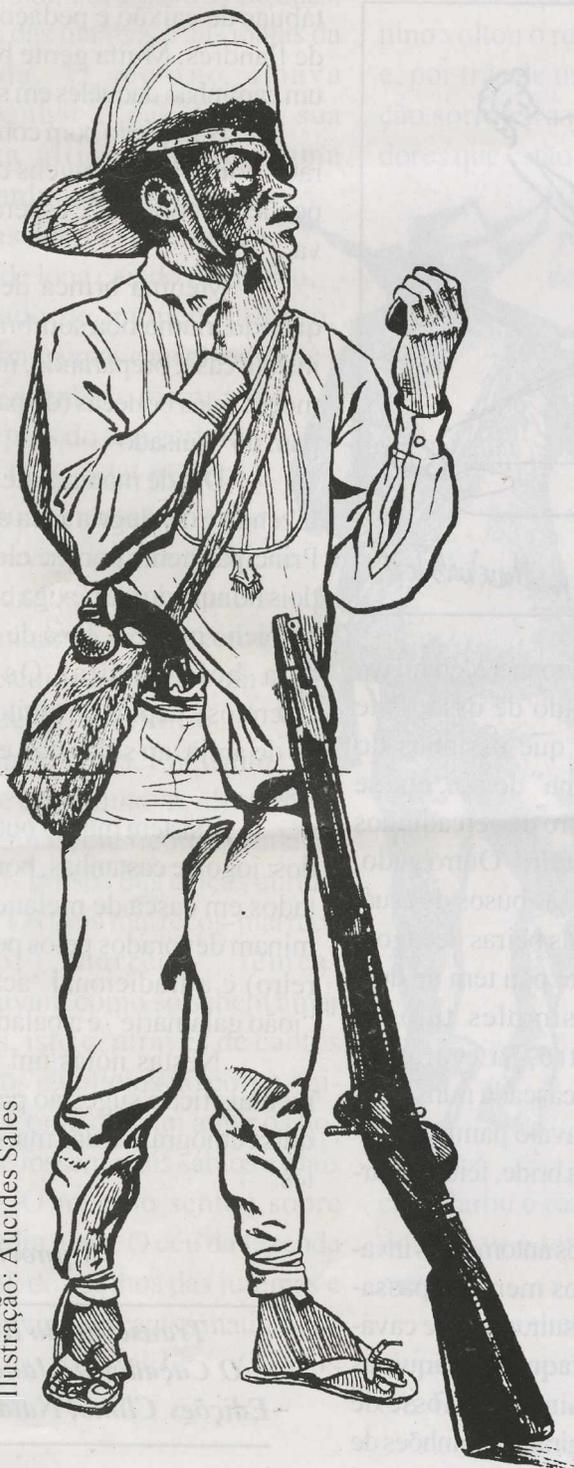


Ilustração: Aucides Sales

*Rio Preto era um negro
Escravo de sujeição
Quando teve a liberdade
Logo deu pra valentão
A poder de cartucheira
Carabinote e facão.*

*Carreguei mocinhas nobres,
Nesse tempo fui feliz,
Me tratavam por Lulu,
Sendo o meu nome Luís,
Neste termo de Pombal
Eu fiz tudo quanto quis.*

*Matando o gado alheio,
Roubando os comboeiros,
Nas casas os moradores,
Nas estradas os passageiros;
Queimando propriedades,
Carregando algum dinheiro*

*Nunca caminhei a pé,
Sempre limpo como homem,
Hospedado de amigos,
Do milho que branco come,
Roubando a velha Josefa,
Não podia passar fome.*

*Padre Amâncio tem poder,
Eu vivo também o tinha,
Com relógio e correntão,
Desfrutando as mocinhas
Deitado em minha rede,
Cantando minhas modinha.*

*Adeus cidade de Pombal,
Adeus tudo que me ama,
Três balas me deram fim
Mas morri na minha cama,
Morro, porém satisfeito,
Que deixei de mim a fama.*

*Embasado como fui,
Não podia ser feliz,
Em vida doutor Lulu,
Agora negro Luis,
Sepultado pelos matos
Muito longe da matriz.*

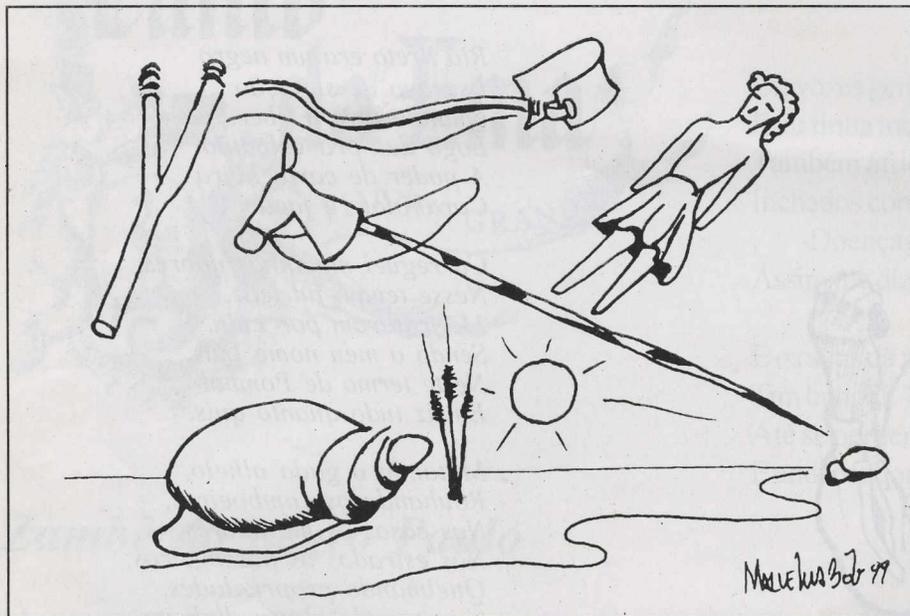


CURSOS DE GRADUAÇÃO

- . Administração
- . Engenharia de Computação
- . Letras
- . Arquitetura e Urbanismo
- . Executivos
- . Odontologia
- . Biologia
- . Farmácia/Bioquímica
- . Publicidade e Propaganda
- . Contábeis
- . Fisioterapia
- . Psicologia
- . Comércio Exterior
- . Fonoaudiologia
- . Relações Públicas
- . Direito
- . Hotelaria
- . Turismo
- . Economia
- . Informática
- . Engenharia Civil
- . Jornalismo

*Ser universidade é um
diferencial institucional!*

Brinquedo de menino pobre



No sertão a criança pobre só brinca até os seis ou sete anos de idade. Daí em diante terá de repartir o tempo de brincar com o de ajudar o pai no roçado ou noutras atividades. E, com pouco, diante da realidade da vida, vai esquecendo os objetos de ilusão.

Mas, nesse curto espaço de tempo infantil, os meninos sertanejos inventam muitos brinquedos. Inventam, porque, mesmo que tivessem dinheiro, nem sempre teriam onde comprá-los; não é toda feira que aparece o homem dos aviõesinhos ou a louceira das painelas em miniatura.

Dispondo de coisas sem uso – cabos de vassoura, ossinhos, aruás – os meninos constroem mundos de maravilha, que nenhum dinheiro compra.

Dois brinquedos já ficaram fa-

mosos, pois até livro mereceram: cavalo de pau e gado de osso. Este nada mais é do que ossinhos do “corredor da perna” do boi, que se limpa e bota dentro de cercadinhos na sombra do terreiro. Outro gado, muito apreciado, os busos de aruá, fáceis de achar nas beiras de lagoa.

Cavalo de pau tem de dois tipos. Um, o simples talo de carnaúba; outro, a vara de marmeleiro, descascada nuns pontos, para ficar “cavalo pampo”. Coloca-se neles uma bride, feita de barbante.

Quando os automóveis invadiram o sertão, os meninos passaram a querer possuir, além de cavalo e gado, uma daquelas máquinas maravilhosas. Ainda que fosse de brinquedo. E surgiram caminhões de

tábuas de caixão e pedaços de folhas de flandres. Muita gente boa possuiu um caminhão daqueles em sua infância.

Brinquedo bom como este e barato: construir barragens de areia nos pequenos córregos e esperar pela chuva...

Menina brinca de “guisado” quando, numa boa sombra de árvore, instala casa, preparando, inclusive, almoço. Suas bonecas (de pano) participam do “guisado”.

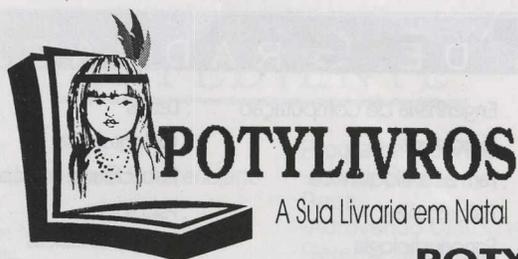
Dia de matança de carneiro na fazenda é de alegria para a meninada. Principalmente porque ela vai ganhar dois brinquedos: a bexiga e os “caçoás” do bicho morto. Cheia de ar, a bexiga vira bola bonita. Os “caçoás” (escrotos), depois de muitos dias cheios de areia, ao sol, estão em ponto de usar.

Existem muitos outros brinquedos: jogo de castanhas, bonecos recortados em casca de melancia (que terminam devorados pelos porcos do terreiro) e a tradicional “academia” e o “joão galamarte” e a baladeira, e...

Nestas notas um tanto sentimentais fica a sugestão para uma pesquisa etnográfica das mais interessantes.

Manoel Onofre Jr.

*Transcrito do livro
O Caçador de Jandaíra.
Edições Clima, Natal, 1987.*



A Sua Livraria em Natal

Rua Felipe Camarão, 609
Rua Felipe Camarão, 628
CEP: 59025-200
Telefax: (084) 221-2001
E-Mail: potylivros@digi.com.br

POTYLÂNDIA
Av. Senador Salgado
Filho, 1973
CEP: 59078-00
Fone: (084) 231-7170
Telefax: (084) 231-1448

DISQUE-LIVROS



(084) 211-2001

E-Mail: potylivros@digi.com.br

Você telefona e recebe em sua casa
o LIVRO de sua preferência, inclusive
livros didáticos

O menino e seu pai caçador

O homem amava as caçadas, através das manhãs e das matas da fazenda. O menino amava acompanhar o pai, feliz à sua sombra altiva e amiga, uma espingarda ao ombro, chapéu de abas largas na cabeça, bernal de lona caindo do ombro, carregado de munições: outro, ligeiro nas pernas e no olhar, para correr e apanhar o marreco que caía depois do tiro certo.

O açude prateava suas águas mansas e os marrecos navegavam lá, felizes e descuidados. O menino cismava, olhando as aves e, um dia, descuidou-se a ver um casal delas, em idílio na margem da lagoa. Enquanto o pai se embrenhava, através das juremas, ele ficou ali, calado, mão nos bolsos das calças curtas.

Os dois marrecos-marreco macho, marreco fêmea-idilionavam como só sabem amar as aves, isto é, através de cantos brejeiros e volteios no corpo bailarino. Como deviam amar os homens se fossem mais sábios e mais poetas. O menino sentou sobre uma pedra a ver. O céu da fazenda era azul, dos galhos das juremas e pereiros vinham cantos matinais de toda a espécie. Cantos emplumados.

De repente, um tiro. O menino voltou o rosto. O pai chegara e, por trás de uma moita, na traição sorradeira dos homens caçadores que estão com todas as vantagens sobre a sua presa, tinha acertado no marreco ma-



Ilustração: Newton Navarro

menino não sai da pedra onde estava. Diante dos olhos dos dois, um marreco que sangra, e outro que ensaia um avoar assustado. O açude é sereno e manso, como se todas as coisas continuassem em seus lugares e o ritmo da vida não tivesse sofrido nenhum golpe.

Não houve guisado de marreco, naquele dia na casa cercada de amplas varandas e de ventos uivantes. O homem deitou-se numa rede e ali ficou, o dia inteiro, livro diante dos olhos, como fazia sempre que voltava das caçadas e ficava a esperar o almoço. Mas silencioso como as tardes mornas da fazenda. O menino, a partir daquele dia, aprendeu a cismar mais demoradamente sobre coisas que não entendia bem, mas sabia que estavam bem acima da dor que fere o mundo e maltrata a paz das coisas.

Na outra manhã, beijou o pai, preparou o seu bernal, ajeitou-lhe o chapéu na cabeça. Mas o homem partiu sozinho e inseguro para a mata.

Berilo Wanderley

Transcrito do livro O Menino e seu pai caçador - Co-edição - Clima-Fundação José Augusto, Natal, 1980

cho. Parou o canto, parou o bailado. Parou o tempo nos olhos do menino.

O homem espera a ação do menino companheiro. A carreira em busca da caça tombada. O



**LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE
FACULDADE NATALENSE PARA O DESENVOLVIMENTO DO
RIO GRANDE DO NORTE**

**Cursos: Administração
Bacharelado em sistemas de Informação
Ciências Contábeis
Direito**

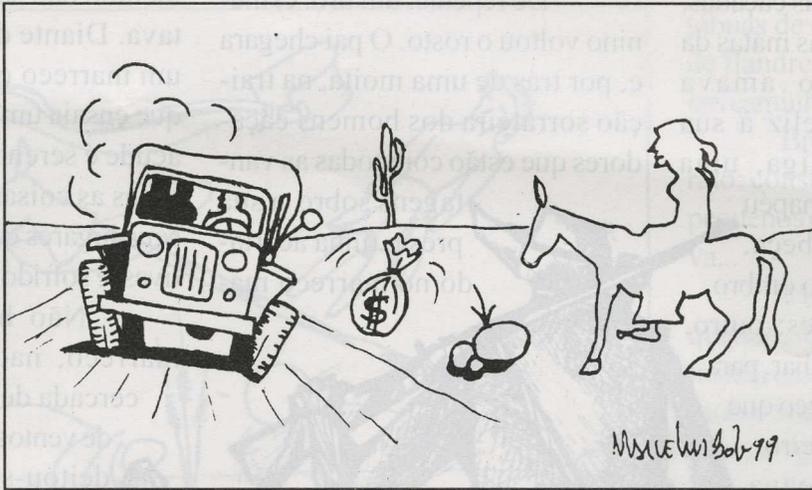
"Educação em nível superior"

Rua Prefeita Eliane Barros, 2000, Tirol, Natal/RN - Fone: 215-2917

Fax: 211-8688 - e-mail: intfarn@zaz.com.br

A Botija

Num lugar por nome de Grotões, morava Cila, vegetando com o seu véio há mais de vinte anos. Não tinham filhos, e o sustento da casa vinha da roça. Sem ambições para atormentar, viviam felizes. No mais, a mesmice. Três da madrugada, e Cila já estava de pé, pois Chico gostava de



pegar no serviço cedo. Um fogo para alumiar em volta e a enxada castigava o mato, deixando pouco a pouco a roça que era um brinco, sem um matinho. Quando clareava o dia, parava o trabalho para tomar um cafezinho com mandioca assada e retornava com a enxada em punho, açoitando o chão para vencer a força do mato. Um certo dia... A tormenta. Três da madrugada, Chico Tempero pegou a enxada e falou para sua véia:

Muié, eu vou batalhar e quando voltar, nós compra umas coisas pra gente comer de noite. Em casa, só água no pote. Nem um ovo de galinha. Quando foi por volta de onze horas, Cila pegou a bestinha para dar um comezinho a pobre.

Animal servidozinho da peste. De repente, avistou na estrada um jeep de capota com três homens dentro. Ao passar em um catabirro, o carro deixou cair um fardo grande de dinheiro quase nos pés de Cila, sem que os ocupantes do veículo se apercebessem. A velha avermelhou e ficou quase fora de si. Nenhuma casa por perto – lugar

esquisito – só mato. Ao em vez de esfregar as mãos de contentamento, pois o osso estava ali no chão. Agora, era roê-lo pela vida afora...pois bem.

A véia pegou foi a tremer e botou para chorar dizendo:

-Esse caras vêm me matar. Soltou a bestinha e ficou repetindo bem alto:

-Meu Deus, meu Deus...Meu senhor do carro, venha buscar seu dinheirinho que eu não bulo não. Quando foi com muito tempo, a notícia em voz alta chegou aos ouvidos de um caboclo matreiro que passava por perto, montado num cavalo gazo que ia farrado apenas com um saco velho de farelo. Vendo Cila no choro, perguntou:

-O que é Dona Maria?

-Meu senhor, olha aqui quanto dinheiro nos meus pés e eu chorando com tremura. O caboclo esperto, gabou o gesto de honestidade da véia e "esclareceu" sobre o dinheiro:

-Hoje pela madrugada, quando passei por aqui, meu dinheirinho caiu desse saco sem que

eu desse fé. Já fazia um tempão que estava procurando.

-Meu filho, é do senhor mesmo?

-É meu. Saltou do cavalo, pegou o fardo da grana, botou no saco e ganhou o mato. Cila voltou para casa assombrada.

-O homem vai contar esse dinheiro todo e se faltar qualquer coisa, vai me matar. A tardinha,

Chico Tempero voltou da luta no roçado. Quando esbarrou no batente da porta, ouviu a sua véia chorando.

-O que é que você tem Cila? A véia, criando alma nova contou o episódio, só que não conseguiu terminar. Chico, babando brabo rosnou:

-Cila, eu não sei onde é que eu estou que não lhe mato agora com essa enxada. Embezerrou. Mais o tempo que de tudo se encarrega, fez Chico Tempero sarar.

Não de todo. Em conversa com sua comadre Irene, trabalhando numa farinhaada, desabafou:

Olhe comadre, estou pobre hoje "mode" Cila. Você sabe como é, agente tem o que Deus dá. Se esse dinheiro fosse para mim, eu tinha enterrado ele no mato e no outro dia pegava o beco...Nós ia morrer rico. Comadre, dinheiro perdido é dinheiro sumido. Não fala e nem escuta conversa...

Newton Lins Bahia

20
Anos

GRUPO DINÂMICO

ORGANIZAÇÃO: JOSÉ HENRIQUES BITTENCOURT

Cursinho Dinâmico
Pré Vestibular
Rua José Alencar, 818
Fone: 222-0991-Cidade Alta

Colégio Dinâmico
Ensino Médio e Fundamental
(1º a 2º Graus)
Rua José de Alencar, 818
Fone: 222-0992-Cidade Alta

Centro Dinâmico de Educação
Educação de Jovens e Adultos
Av. Deodoro, 817-Fone: 221-1169
Cidade Alta

Baile de Estudantes

Acode-me a lembrança a beleza de Ademilde, Rainha dos Estudantes no ano de 1948.

Caindo a tarde de domingo um outubro que não tinha essas graças todas, me preparei. Pus o terno de casimira azul e fui ao Aero, onde em meia hora ela chegaria. Entrei e me sentei à mesa entre colegas outros e aguardávamos a sua entrada, bebericando goles de rum Merino com CocaCola, então em alta moda e com o nome de Cuba Libre.

De repente ei-la adentrando os terraços do Aero. O baile ganhava sentimentos e contornos de grandeza e festividade.

Sociedade em peso, muito jubilo e Ademilde, Rainha de 1948 chegando ao Aero. Devagarinho ela entrou no salão com seus pajens e eu, de minha mesa, vendo-a levantei-me. A orquestra tocou uma característica de samba-canção e usei.

Dirigi-me a ela, como se estivesse combinado e com mesura própria para a solenidade, perguntei se gostaria de dançar comigo.

Ela aceitou, entre indecisa e nervosa e algo tensos mas saudavelmente alegres saímos a rodopiar pelo salão que então se abria para a grande festa e todos aplaudiam e procuravam seus lugares.

O dancing todo foi nosso naqueles minutos de sentimentalismo e



algo que deveria ficar gravado na história social da cidade. Mas não ficou. Ficou só na lembrança de minhas primeiras palavras quando lhe disse;

-Agradeço demais você ter me aceitado para a valsa de entrada.

-Eu é que lhe agradeço. Não sabe como fiquei feliz, pois ao mesmo tempo que eliminava uma pressão psicológica muito grande em cima de mim, pude desafogar a tensão nervosa dançando com você.

-Se você vai esquecer destes minutos de glória, ademilde, eu jamais irei. E sempre que vier aqui no Aero e dançar no Aero falarei a amigos desse instante sublime em nossas vidas e que ficará, acho, em nossos corações para

sempre.

-Não tenha duvida. Vou ficar eternamente grata a você pelo seu ato e seu gesto que apesar de não estar no programa, caiu como uma luva.

-Eu sei que quando largá-la não vai mais sobrar nada pra mim. Portanto, desde já quero lhe dar um beijo de emoção e dançar o tempo que nos foi dado. Veja. Centenas de rapazes loucos para dançar com você.

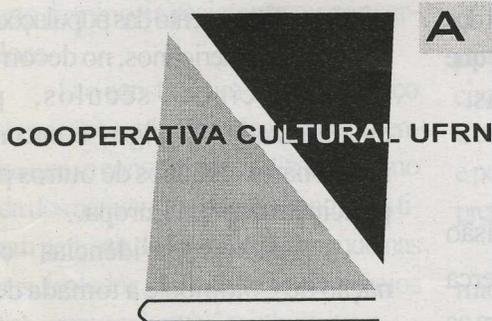
-Mas, não irei dançar com todos.

-Com alguns. Apesar de haver a festa de coroação, você será muito solicitada. Portanto, como dois pombinhos, me despeço, honrado.

Tipo mignon, delicada, Ademilde era comunicativa e me prometeu ser amiga o resto da vida por lhe haver socorrido naquela hora em que nada estava previsto. E eu achando bom e dando vivas por haver feito o feito, na alegria que nos embalou por uns cinco, dez minutos. Seu cabelo moreno, bem penteado, sedoso e macio me cativava. Queria muito namorar com ela mas ela delicadamente disse-me que "talvez, quem sabe algum dia".

Nunca mais a vi. Misturou-se com as outras, perdeu-se no tempo e o tempo não perdoa.

Afranio Pires Lemos



**A MAIOR VARIEDADE EM LIVROS
CIÊNCIA-TECNOLOGIA-
ARTE-LITERATURA**

**A livraria de todas
as universidades**

Centro de Convivência Djalma Marinho, lojas - 08/09- Fone: 211-9230

Genocídio de índios reafirma impunidade

No dia do índio – 19 de abril, os brasileiros e especialmente, os nordestinos, nortistas e todos os latino-americanos deveriam ter, pelo menos, um momento de reflexão histórica, social, política e psicológica – sobre os acontecimentos de 500 anos relacionados com este assunto.

-A questão indigenista, agora, está no passado, sem ter mais importância para a sociedade moderna ou contemporânea!

Esta afirmação existe, apesar de não ter fundamento sociológico e tampouco antropológico para a humanidade inteira, considerando que sem a presença do homem primitivo não haveria, hoje em dia, a população de qualquer parte do globo terrestre.

Colombo Condenado

Para efeito de confirmação dessa última teoria, o descobridor das Américas, Cristovão Colombo, após 500 anos do feito, foi condenado à morte pelos índios hondurenhos, através do COPIN – Comitê de Organizações Populares Indígenas, acerca dos crimes principais.

-Quais os crimes desse homem que ficou na história universal?

Vamos examinar os acontecimentos, sem partidarismo, paixão e muito menos o culto da personalidade ou simpatia pessoal:

O COPIN esteve reunido em Honduras na segunda semana de outubro do ano passado – 1998, tendo naquela oportunidade, mais precisamente dia 12/10, -concluído pela condenação do pioneiro espanhol, na descoberta da América, por 10 crimes feitos durante as suas viagens ao Novo Continente.

Os crimes foram o seqüestro, roubo do patrimônio cultural, estupro, escravidão, tortura, assassinato em massa, destruição de culturas, invasão de povoados, tráfico de alimentos e genocídios contra as etnias.

Parece até que houve exagero

na apuração dessas ocorrências feitas, certamente ou talvez contra os índios ignorantes, indolentes, analfabetos que viveram como vegetais, segundo os cronistas daquela época.

Esta é mais uma das infâmes observações deixadas na história por escritores, cronistas e viajantes destituídos do respeito à dignidade do ser humano.

Ao tomar essa decisão, os índios hondurenhos partiram dos fatos narrados pelo Frei Bartolomeu de las Casas, o mesmo que esteve na companhia de Colombo como tripulante das embarcações saídas da Espanha, com destino ao reconhecimento das terras americanas, de 1494 a 1508.

Las Casas passou 14 anos ao lado de Colombo – como missionário, evangelizador, profeta e sacerdote representante da Igreja Católica com a missão de converter os índios ao catolicismo, cumprindo ordens do Vaticano.

Naquele tempo de grandes aventuras oceânicas – Las Casas registrou nas páginas do seu livro a morte por homicídio de 3 milhões de índios das regiões americanas onde ele esteve.

Os protestos, denúncias e revoltas foram ouvidos em todo o mundo europeu de então, inclusive no Vaticano – sob as indicações de fatos exagerados, talvez incorretos do autor e seus seguidores.

O genocídio colombiano jamais foi analisado, julgado e condenado pela civilização renascentista daquele tempo, assim como pelas posteriores dos 500 anos, exceto o grupo de índios que restou das camifcinas hondurenhas.

Pedido de Perdão

Em conseqüência da revisão histórica, política e ideológica acerca do tratamento dos civilizados contra os índios – eis que a palavra da Igreja Católica surge depois de cinco séculos em defesa sistemática e universal dos nativos, pela

boca do Vaticano, através do Papa João Paulo II, quando a instituição se prepara para o terceiro milênio.

Na primeira semana de abril/99 – o Vaticano levou ao conhecimento do mundo, o pedido de perdão da Igreja, feito pelo Santo



Padre, em tomo do que foi realizado pelos cristãos no tratamento das populações indígenas latino-americanas, no decorrer dos últimos cinco séculos, pelos evangelizadores leigos e sacerdotes missionários brancos de outros países, principalmente da Europa.

As duas providências – condenação de Colombo e a tomada de posição da Igreja Católica marcam o início da revisão do comportamento dos chamados civilizados em relação com os índios, nas fases de descobrimento e colonização do con-

tinente americano.

O preconceito racial e secular adotado sobre os homens primitivos pelos seus semelhantes de outro estágio cultural – deixou de ser uma atitude da maioria social, no decorrer de vinte séculos, para se tornar

vilizados com os indígenas, mesmo levando em conta as diferenças sob a forma de conflitos, lutas e guerras entre ambos, a exemplo do que se verifica, também entre os grupos e populações urbanizados.

Para que esta afirmação fique mais clara – consideremos, por exemplo, que hoje em dia mais de 30 países, dos quais 15 da África, estão em guerras internas por questões políticas e administrativas criadas e mantidas por sociedades destituídas de grupos indígenas.

Por outro lado – verifica-se que mais de 120 países da atualidade, apesar de algumas anormalidades civis – revoltas e agitações, vivem sem guerras, após a passagem de longo estágio por elas, em busca do progresso e desenvolvimento, visando às melhorias para os seus habitantes, durante longos anos de sua história.

Genocídio Total

Em toda história do Brasil – o Rio Grande do Norte tomou-se o único Estado, onde os índios foram dizimados em sua totalidade, no decorrer de 228 anos, de 1597 a 1825, motivo pelo qual, hoje em dia, somos a única das 27 unidades federativas, sem a presença da raça primitiva.

Como e porque isso ocorreu – somente a história poderá explicar, depois de muita pesquisa, estudo e trabalho sobre este assunto que jamais foi do interesse das escolas, universidades e instituições culturais, bem como das pessoas, exceto algumas que insistem na questão, sem os meios necessários e indispensáveis a essa atividade.

Os maiores guerreiros índios do país – viveram na capitania do Rio Grande circulando entre a Paraíba, Pernambuco e Ceará, a serviço dos franceses, holandeses e portugueses, além de outros povos que pretendiam explorar a natureza da região.

Janduí e Poti – foram os mais temidos e respeitados – durante os tempos de guerra e paz, razão pela qual a Holanda concedeu a Janduí, o título de Governador Geral dos Índios do Brasil, enquanto Portugal fez o mesmo em favor do Poti.

Antes do período da colonização, as tribos lideradas por Janduí viviam em harmonia com outras fixadas no litoral – sob o comando de Poti, quando faziam grandes comemorações e festas reunidas, tanto no sertão de Janduí, quanto nas praias da influência de Poti.

A grande divisão entre ambos os chefes – foi toda ela provocada pelas forças militares externas – da Holanda e de Portugal, durante a guerra da colonização entre esses países, visando ao domínio de um ou de outro, enquanto o índio era utilizado como instrumento do conflito.

Após mais de 10 anos de lutas com esse objetivo, os holandeses preferiram encerrar a questão mediante o recebimento de cinco milhões de florins da Espanha e Portugal – para que a guerra fosse encerrada com a saída das tropas holandesas do Nordeste.

Foi nesse momento que Paraupaba – chefe indígena no sertão do Rio Grande, durante uma reunião com ministros da Holanda, recebeu apenas o silêncio sobre o pedido de ajuda às tribos janduí espalhadas pelo interior rio-grandense.

Em seguida sem o reforço holandês, as tropas bandeirantes, sob as ordens do reino de Portugal, conseguiram arrazar todos os índios do Rio Grande, daí passando para outras capitânicas onde estavam as sementes da revolta e resistência.

Mesmo assim – foram necessários quase 300 anos para exterminar pela guerra, doença, abandono, perseguição e traição as nações indígenas que viviam na dimensão do Rio Grande, onde teve início o extermínio.

Nas trilhas dos séculos 17 e 18 – esse foi o maior acontecimento da história do Brasil iniciado no pequeno Rio Grande, sem ter hoje em dia, o necessário tratamento científico, pelo menos de natureza histórica, política, sociológica e cultural.

Quando isso acontecer – seremos um povo culto e iluminado.

Arlindo Freire (*)

(*) *Jornalista e Sociólogo - UFRN*

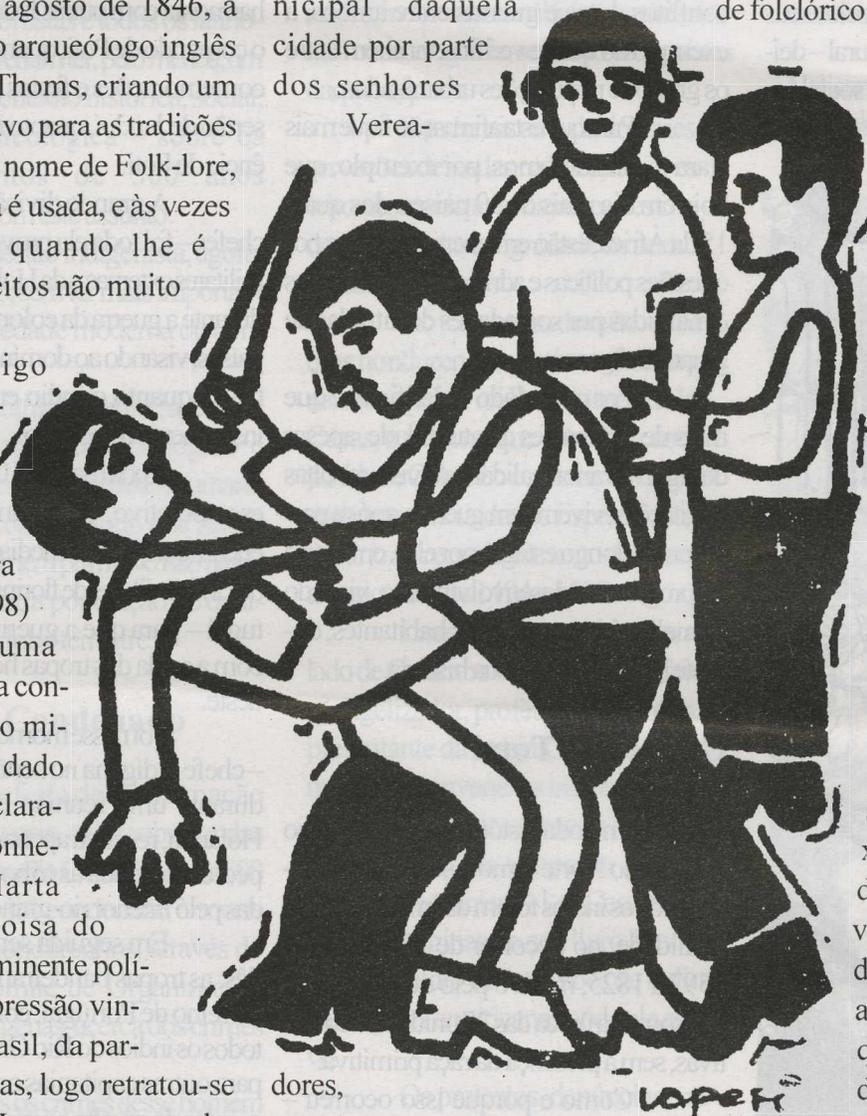
A ética e o folclore nos dias atuais.

Desde que a revista londrina, "The Athenaeum" publicou no número 982, de 22 de agosto de 1846, a famosa carta do arqueólogo inglês Willians John Thoms, criando um título significativo para as tradições do povo, com o nome de Folk-lore, que esta ciência é usada, e às vezes até abusada, quando lhe é atribuída conceitos não muito éticos.

O amigo folclorista Sebastião Rocha quando esteve à frente da Comissão Mineira de Folclore (1998) desencadeou uma ardúa campanha contra um deputado mineiro que havia dado uma infeliz declaração, de que a conhecida Lei Marta Suplicy era coisa do "Folclore". O eminente político, diante da pressão vinda de todo o Brasil, da parte dos folcloristas, logo retratou-se na Tribuna e na Imprensa para o devido respeito da lei e da palavra – FOLCLORE.

Recentemente o conceituado jornal, "Folha de São Paulo", de

21 de março/99, ao se referir aos projetos enviados a Câmara Municipal daquela cidade por parte dos senhores Vereadores,



dores, cometeu um grave engano ao afirmar que a idéia do José Izar (PFL) era a "mais folclórica" entre as outras de seus digníssimos pares. Politicamente correto seria

denominar o então projeto do político de, "bizarro ou exótico" e nunca de folclórico.

Está registrada na Carta Magna do Folclore Brasileiro, documento do I Congresso Brasileiro de Folclore, realizado na cidade do Rio de Janeiro, em 1951, a veemente advertência para os folcloristas lutarem: "...contra as alterações e deturpações de motivos folclóricos...".

É muito comum ouvir nas rodas de conversas alguém chegar contando piadas sobre negro, homossexual, sogra, pobre, nordestino, e quando é advertido da brincadeira de mau gosto, vai logo avisando aos ouvintes de que aquelas velhas piadas já estão no rol do nosso Folclore anedótico. Ledo engano do contador piadista, que cometeu dois graves erros. Um contra o Folclore e outro contra a lei, que enquadra os

Calendário de eventos/99
Setor de Serviços de Apoio à Cultura
Festejos e Folguedos Populares
(Prof. Deífilo Gurgel)
Evento: "Seminário sobre Folclore"
Período: de 03 a 28/05

PREFEITURA DO NATAL
 É TEMPO DE CIDADANIA

CAPITANIA DAS ARTES

NATAL
 400 ANOS

que discriminam. Crime inafiançável embora o pobre e o negro quase não conseguem provas de racismo contra um branco rico preconceituoso...

Observo na leitura diária de jornais, alguns articulistas que ao se referirem aos populares, os tratam como "tipos folclóricos", e só aos ricos e poderosos de "engraçados". O corretamente seria chamar ambos de - populares.

Concordo que no passado, até da parte de alguns folcloristas, houve erros, principalmente em relação aos negros, mas hoje o estúdio do Folclore é um consciente e sério lutador das causas do povo e de

maneira nenhuma divulga ou incentiva, fatos que politicamente não sejam corretos, em uma sociedade onde se deve pregar os direitos humanos em todos os sentidos.

Quando tenho oportunidade de conversar, principalmente nas escolas, gosto de mostrar aos mais jovens como é bom divulgar e lutar pela preservação da verdadeira cultura do nosso povo. Florestan Fernandes, Darcy Ribeiro e Djalma

Maranhão, entre outros, também lutaram e lutam por esta justa causa, que se chama cultura do povo/Folclore!



Nós, os folcloristas do século XXI, sabemos e devemos alertar aos desavisados de que nem tudo que se diz pitoresco ou engraçado é parte do folclore. Como participante do VIII Congresso Brasileiro de Folclore (Salvador-BA/1998) ouvi e vi ilustres personalidades defendendo uma postura ética para os estudiosos das tradições do povo. Em nossas palestras não devemos esquecer de ressaltar, para este mesmo povo es-

poliado o que é a verdadeira cidadania. Como achar bonito um artista popular ficar nos mostrando a sua arte e ao mesmo tempo estar passando fome, doente, desempregado, sem terra e sem escola para seus filhos?

Lindo seria o nosso artista do povo, de barriga cheia e preservando as suas autênticas manifestações populares. Quando a cultura do povo vai bem é sinal de que ele também vai passando bem.

O saudoso sociólogo Herbert de Souza, co-autor da importante obra, *Ética e Cidadania*, editora Moderna, SP, 72 Pgs, 1997, mostra-nos o que deveria ser prioridade para uma nação: -"O que decide o destino de um País é a sua cultura. Não é sua economia, nem sua tecnologia, nem sua política.."

E para encerrar essa missiva é bom lembrar o que disse o grande gênio Mário de Andrade - "Nada melhor que as tradições para retemperar a saúde de nossa alma brasileira".

Gutenberg Costa (*)
(*) escritor e folclorista.



HOTEL SOL NATAL

- ★ Localização central e a poucos minutos das praias.
- ★ Andar para não fumantes.
- ★ 54 aptos. Panorâmicos com ar condicionado, TV, frigobar e outras comodidades.
- ★ Café da manhã regional.
- ★ Salão na cobertura com vista para o rio potengi e dunas do litoral.
- ★ Aceitamos cartões de crédito.

R\$ 17,50 preço por pessoa em apartamento duplo

Rua Heitor Carrilho, 107 - Centro - PABX: (084) 211-1154
-TLX: (84.2464) - FAX:(084)221-1157-Natal-Brasil

Patrimônio Cultural

Patrimônio Cultural compreende um conjunto de bens que formam a identidade de um povo. Eles podem ser **materiais**, aqueles produzidos pelo homem, como obras de arte, prédios, esculturas, utensílios, ferramentas, entre outros; **imateriais**, representam as manifestações culturais, como dança, música, usos, costumes, festas populares, etc. e **naturais**, como florestas, rios, lagos, enfim tudo que pertence à natureza e permite que um sítio seja habitável.

O desejo de proteger o patrimônio cultural brasileiro, partiu da vontade popular, do desejo do povo em ver preservada a memória dos seus antepassados, da necessidade de buscar no passado suas raízes, para compreender a razão de sua própria existência. A partir dessa vontade popular, criou-se a norma jurídica, que respalda as ações de preservação.

A primeira precaução oficial com a proteção da Cultura brasileira, foi manifestada no século XVIII, pelo vice-rei do Estado do Brasil, Dom André de Melo e Castro.

No século passado, o Ministro do Império, Luís Pereira do Couto Ferraz determinou ao diretor das Obras Públicas de Arte, cuidado na reparação de documentos e tentou centralizar na Biblioteca Nacional as coleções epigráficas existentes nas províncias brasileiras.

Em 1920, a Sociedade Brasileira de Belas Artes elaborou o primeiro ante-projeto de Lei em defesa



Marco de Touros

do patrimônio artístico nacional. Em 1924, o poeta Augusto de Lima criou um projeto que impedia a saída de obras de arte do país.

Em 1936, Mário de Andrade elaborou a Lei n. 378, regulamentando a preservação de monumentos e outras obras de arte. A regulamentação foi consolidada no ano seguinte, pelo Decreto-Lei n. 25 de 30 de novembro de 1937. O

Decreto-Lei organizou o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), atual IPHAN. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.**

O Patrimônio Cultural Brasileiro, através do Decreto-Lei n. 25, foi oficialmente definido como "o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país, cuja conservação seja do interesse público, quer pela sua vinculação a fatos memoráveis, quer por seu excepcional valor arqueológico, etnográfico, bibliográfico ou artístico".

Inicialmente, sob a direção de Rodrigo de Mello Franco, o antigo SPHAN dedicou toda a sua atenção à preservação do patrimônio edificado e às obras de arte. Em uma nova fase, iniciada por Aloísio Magalhães, o SPHAN incorporou novos conceitos do que seria patrimônio cultural, a partir de então houve uma maior preocupação com a valorização da memória e da identidade do povo brasileiro, através de programas de educação patrimonial e reconhecimento das referências culturais brasileiras.

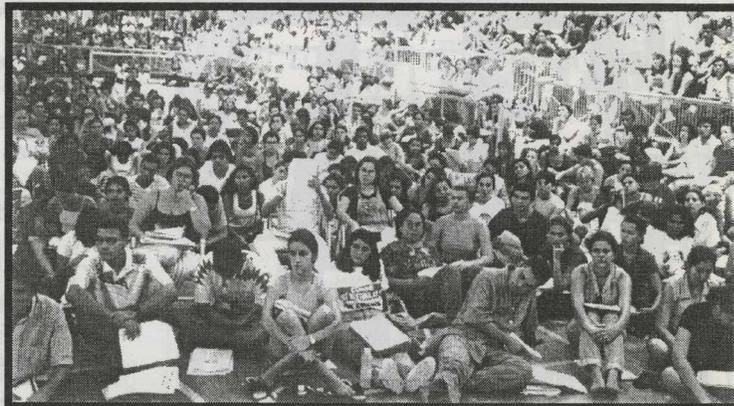
O IPHAN atua em todo território nacional, através de 14 Superintendências e 19 Diretorias Sub Regionais. No Rio Grande do Norte o IPHAN é representado pela 3ª Sub Regional e está vinculada a 4ª Superintendência Regional, com sede em Fortaleza, e é responsável pela proteção dos bens culturais nos Estados do Ceará e Rio Grande do Norte.

Jeanne Fonsêca Nesi



"Um passo para o Futuro"

"Aulões" gratuitos do Professor e Vereador Aluísio Machado, no Palácio dos Esportes. Pré-Vestibular-99- Educação de Jovens: Uma prioridade.



Av. 411, Cidade Alta - Fone: 211-5977

A Eleição de 1913

A eleição para o Governo do Estado do Rio Grande do Norte, no ano de 1913, foi marcada por intensa radicalização resultante da mobilização popular sem precedentes na história política potiguar.

Animados pela queda de várias oligarquias nordestinas – Maltas, Rosa e Silva, Lemos, Aciolis -, os agentes oposicionistas deflagaram a campanha de *salvação* política visando a derrocada da oligarquia Maranhão, liderada por Alberto Maranhão, então governador do Estado.

Foi nesse clima de expectativa que, no dia 31 de janeiro de 1913, às 6 horas da manhã, desembarcava do paquete do Loyde Brasileiro “Olinda” o capitão José da Penha Alves de Souza – natural de Angicos -, que ausente do Estado por vários anos retornava para encetar uma verdadeira “batalha” contra o partido situacionista do candidato Ferreira Chaves.

Nesse sentido, a oposição impulsionada pela crescente popularidade do capitão José da Penha, ganhava novas adesões na capital e no interior, preocupando os patrocinadores da candidatu-



José da Penha em Canguaretama

ra oficial.

Já nos primeiros meses da campanha as facções – liga pró-Chaves e anti-oligarca – definiram as estratégias de ação. Enquanto a oposição realizava comícios, passeatas e fundava ligas femininas, a situação – amparada na máquina administrativa – fundava jomais e reforçava tropas, desencadeando um repressão sem precedentes aos simpatizantes da oposição.

Consciente do crescimento vertiginoso da liga anti-oligarca, o situacionismo

organizou o *Batalhão Patriótico*, composto por filhos de funcionários públicos, no sentido de fiscalizar as ações dos *Pinumistas* – cognome dos penhistas – alusão ao velho conhecido por Pinum, exaltado oposicionista.

No dia 13 de maio, contrariando todos os anseios populares, o diretório do partido oposicionista escolhia o nome do Tenente Leônidas Hermes – filho do Presidente da República Hermes da Fonseca – para enfrentar a candidatura do Senador Ferreira Chaves, numa tentativa de

aproximação com a esfera do Governo Central.

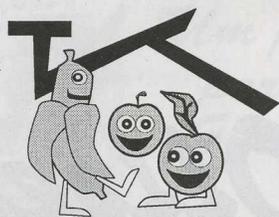
Nessa efervescência política vários incidentes marcaram o desenrolar da campanha, como foram os casos da tentativa de impedimento do capitão José da Penha em discursar na cidade de Nova Cruz, sob a alegação de que os seus correligionários estavam armados e do tiroteio ocorrido no bairro da Ribeira, envolvendo os amigos do capitão José da Penha e forças militares, resultando na morte de um popular que passava no local do incidente.

Embora a candidatura oposicionista ganhasse alento sob a influência do capitão José da Penha, o desinteresse do tenente Leônidas Hermes em disputar o pleito ficou evidenciado pela relutância deste em aparecer no Estado, culminando com a desistência de sua candidatura, quando conclamou os seus amigos a se absterem em votar no dia da eleição.

E no dia 14 de setembro, sem oposição, o senador Ferreira Chaves era eleito, pela segunda vez, Governador do Estado, sepultando o sonho da oposição em demubar a oligarquia Maranhão.

João Gothardo Dantas Emerenciano

A Ki - Tanda



A SUA CASA DE FRUTAS E CARNES

Av. Antônio Basílio, 2703 Lagoa Nova - Natal/RN
Telefrutas: (084) 231-0715 Telefax: (084) 206-5612

CASA DO PEIXE LTDA



Camarão, Peixe, Lagosta,
Carne de Caranguejo,
Marisco, Ostra e Etc.



Ney Aranha Marinho Júnior
Sócio Gerente



Rua São João, 4 (Canto do manguê) - Rocas - Natal/RN
Tel.: (084) 221-4917/982-2085

Melé e o ás do samba canguleiro

A geração dos anos 80 não foi muito de freqüentar fundos de quintais periféricos, onde rolava ritmos de batuques de instrumentos como ganzá, repique, surdo bola, cuíca, tarol e tamborins.

O ritmo da geração 80 foi das guitarras e melodias de indignação de uma geração primavera diante de um inverno da ditadura militar que passou.

Mas, com toda a hegemonia do rock havia uma "plebe" que freqüentava as escolas de samba localizadas, em sua maioria, no bairro das Rocas.

No bairro canguleiro houve uma surpreendente ascensão no número de escolas de samba, destacando-se a **Unidos de Vila São Jorge** (na antiga Vila São Jorge); **Lírio da Beija Flor** (Rua Varela Santiago); **Independentes** (Rua Belo Monte); **Balanço do Morro** e o **Morro e o Samba**, do mestre Lucarino (na antiga Rua Campos Pinto, atual Rua Mestre Lucarino); **Malandros do Samba**, do Mestre Melé (Rua Soldado Luis Gonzaga) e **Crioulos Fantásticos** que ficava no Alto da Castanha e não sobreviveu por muito tempo.

Nos meses de dezembro e janeiro as ruas do bairro se tornavam formigueiros de pessoas indo em direção aos quintais onde localizavam-se as escolas de samba. Nessa época o carnaval das escolas re-

sistia para manter a tradição em desfilar nas avenidas.

Nesse quadro do passado recente se discutia dois grandes nomes do samba potiguar: Mestre Melé – fisionomia não muito lembrada por mim, mas era uma figura de liderança, fundador e dirigente da Malandros do



Mestre Lucarino

Samba – e mestre Lucarino, ás do samba canguleiro.

Melé foi um dos primeiros sambistas consagrados na cidade do Natal e em outros "terreiros". Exemplo disso era a Malandros do Samba, várias vezes campeã, e Melé podia se considerar o "melé" do samba. Qual o sambista atual que não passou pela escola do velho Melé?

O Ás que se consagrou de-

pois da morte de Melé, mestre Lucarino, foi repiqueiro, puxador da bateria e de samba enredo da Malandros do Samba, rompeu com Melé e fundou a Balanço do Morro, segundo informações de Agaci, sambista e amigo de Lucarino.

Daí começa a grande rivalidade no reduto canguleiro: Melé e o Ás do samba.

A figura de Lucarino impressionava muito e era exigente no que fazia. Tenho lembrança de um ensaio em que o repiqueiro errou na entrada e atrapalhou o contratempo do surdo bola e Lucarino parou todos os instrumentos e gritou: solte o repique e entregue a outro. Aqui só toca quem sabe!

Melé e Lucarino foram duas autoridades em suas "metodologias" e o samba potiguar respirou muito bem nas mãos desses ilustres mestres. Quantos meninos não se realizaram ao desfilar e serem aplaudidos por milhares de pessoas? Quantos meninas não exaltaram sua sensualidade e prazer de serem musas e damas das noites camavalescas?

Nas comemorações dos 400 anos da fundação de Natal, suas figuras devem ser lembradas como legítimos organizadores da cultura popular e do mundo fantástico da fantasia.

Os dois mestres do carnaval natalense, líderes de gerações, não esqueceram "que a verdadeira vida do povo, só com o povo se pode aprender".

Jocelin Bezerra (*)

Editor do Zine Bichiga Taboca

J E B O CATA LIVRO

Compra, venda e troca de livros, discos, cd's, videos e cassetes usados.

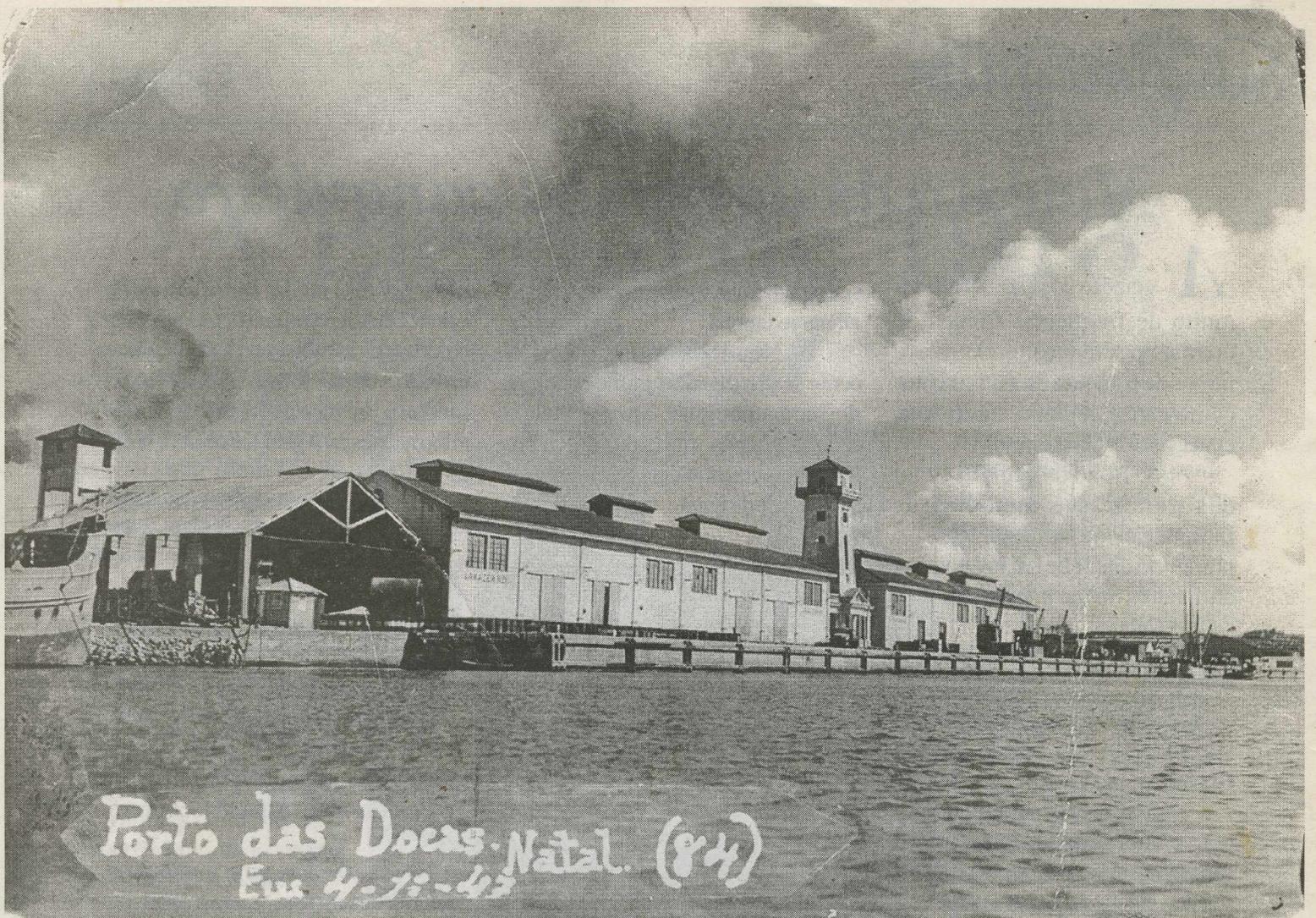


Matriz na Rua da Conceição, 617,
Filial na Vaz Gondim, 816, Centro-Natal

VEREADOR
Juliano Siqueira

MANDATO DEMOCRÁTICO - POPULAR

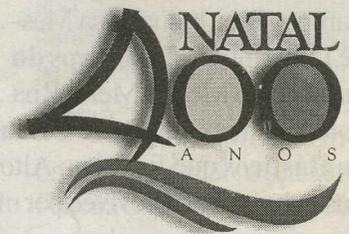




Cais do Porto em 1947



SECRETARIA ESPECIAL DO
4º CENTENÁRIO



Qualidade de vida
& cidadania



EDUCAÇÃO INFANTIL - (PRÉ-ESCOLAR)
ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO - (1º E 2º GRAUS)
CURSINHO PRÉ-VESTIBULAR - "A EQUIPE QUE MAIS APROVA"

- Colégio Hipócrates Zona Sul
Educação Infantil - Ensino Fundamental e Médio
Alameda das Mansões, s/n - Candelária
Tel: (084) 206-7729/206-8069
- Colégio e Curso Hipócrates
Ensino Fundamental e Médio
Cursinho Pré-Vestibular -
"A Equipe que mais Aprova"
Rua Jundiá, 421 a 432 -
Fone: (084) 221-4488

- Colégio Hipócrates Ponta Negra
Ensino Fundamental e Médio
Acesso pela Av. Eng. Roberto Freire, por trás do
Restaurante Tábua de Carne
- Colégio Hipócrates - João Pessoa
Ensino Fundamental e Médio
Cursinho Pré-Vestibular - "A Equipe que mais Aprova"
UNIDADE I - EPITÁCIO
Av. Epitácio Pessoa, 3955 - Fone: (083) 247-2294
UNIDADE II - BESSA
Rua José Ferreira Ramos s/n - Bessa - Fone: (083) 246-1811
- Colégio Hipócrates - Zona Norte
Ensino Fundamental e Médio
Cursinho Pré-Vestibular - "A Equipe que mais Aprova"
Av. Doutor João Medeiros, 1292 - Panatis I - Fone: (084) 214-2947